



**USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO**

Veículo: Revista Terra Viva

Data: 05/2009

Caderno / Página: Algodão / 56

Assunto: Cultura do desafio



# Cultura do desafio

No Ano Internacional das Fibras Naturais, algodão brasileiro perde 21,3% de área plantada e continua testando persistência de produtores. Mas cenário pouco animador pode reservar futuro positivo

**B**em-intencionada, mas basicamente ideológica, a declaração de 2009 como Ano Internacional das Fibras Naturais feita pela Organização das Nações Unidas (ONU) deve ter pouco impacto sobre o consumidor final da cadeia do algodão e, por conseqüência, trazer poucos benefícios ao cotonicultor. No âmbito brasileiro, os altos riscos e custos de produção permanecem como grande entrave do segmento. No entanto, em meio à situação negativa dos últimos anos, é possível entrever perspectivas promissoras para aqueles que sobreviverem a este momento crítico.

"Hoje, o produtor está pedindo socorro ao governo e a indústria têxtil está chorando porque não conseguiu vender toda sua produção. As exportações caíram muito e o consumo brasileiro também diminuiu bastante", resume Andrew Macdonald, consultor da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa) e da Associação Mato-grossense dos Produtores de Algodão (Ampa). Apesar do pessimismo quanto à recuperação dos Estados Unidos e da Europa, ele aposta nas possi-

bilidades nacionais. "Brasil, Índia e China devem se recuperar mais rapidamente que os demais. Se pudermos nos manter por mais alguns meses, em 2010, acredito que os produtores tenham bons resultados."

Levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) divulgado em abril mostra que a área plantada com algodão caiu 21,3% da safra 2007/08 para a atual. A alteração deve implicar queda de 22,1% na produção nacional, cuja estimativa é de 1,23 milhão de toneladas. Os números indicam que as dificuldades enfrentadas por cotonicultores brasileiros desde a supersafra de 2004 afetaram significativamente as decisões na lavoura, que vem sofrendo com a falta de competitividade frente à soja e ao milho.

"Quando as cotações desses grãos dispararam, o algodão não teve a mesma reação. Mas quando elas decresceram, do segundo semestre de 2008 para cá, a fibra acompanhou o movimento. Neste momento, atingimos os menores preços da história", aponta o professor Lucílio Rogerio Aparecido Alves, da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (Esalq/USP), pesquisador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea). A queda foi tão grande que, segundo o pesquisador e chefe-geral da Embrapa Algodão (Campina Grande, PB), Napoleão Esberard de Macêdo Beltrão, os ganhos no Centro-Oeste se restringiram a propriedades com mais de 2 mil hectares, área bem maior que a média mundial para a cultura, de 5 hectares.

Sérgio De Marco, presidente da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Algodão e Derivados e vice-presidente da Abrapa, acrescenta que, em Mato Grosso, maior produtor do País, os empresários rurais mantêm as lavouras mais para aproveitar a estrutura já existente e preservar o nome internacional do Brasil – pelo espaço

### **Fibras sintéticas Redução de área plantada nos EUA e previsão de petróleo a US\$ 200 podem favorecer algodão**

tirado de Austrália, Estados Unidos e Paquistão, que dificilmente seria recuperado se o produto nacional saísse de cena. "O mercado externo não quer discutir preço, mas garantia e estabilidade de produção. Por isso, vemos com extrema preocupação a redução de área plantada", diz. "Sem falar que a indústria brasileira tem consumido mais algodão a cada ano. Com menos área plantada e produção menor, corre-se o risco de precisarmos importar. Isso significaria perda de divisas para o País", considera.

Alves, do Cepea, avalia que o setor tem se sustentado graças à inserção de tecnologia de ponta no sistema de produção e à reconhecida organização da cadeia cotonicultora, mas alerta que o crescimento está condicionado ao au- ➤



**"Falta de infra-estrutura e logística adequadas prejudica setor", diz Cunha, da Abrapa**

mento da rentabilidade do produtor e da demanda interna, para reduzir a dependência das exportações. Na última safra, a indústria têxtil nacional consumiu 1 milhão de toneladas de pluma. As outras 600 mil foram para o mercado externo. Porém, com a crise e a falta de crédito no plano internacional, muitos países reduziram importações, gerando excedente no mercado brasileiro e deprimindo os preços internos.

"No passado recente, os produtores tinham a opção de exportar o algodão

a qualquer preço. Hoje, nem a qualquer preço", observa o vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confeção (Abit) e coordenador do comitê de algodão da entidade, Ivan Bezerra Filho, presidente da Têxtil Bezerra de Menezes e do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral no Estado do Ceará (Sinditêxtil-CE). A expectativa é que as exportações em 2009 sejam bem menores que no ano passado, mas, de acordo com o presidente da Abrapa, Haroldo Rodrigues da Cunha, já há negociações em andamento para 2010, mesmo que tímidas. "O cenário se mostra mais positivo, mas ainda há muita especulação", pondera. Por via das dúvidas, a recomendação é ter bastante cautela nas mudanças de composição da lavoura.

**Otimismo justificado** – Embora reconheça as dificuldades impostas aos produtores nacionais, o chefe-geral da Embrapa Algodão não tem dúvidas quanto ao futuro

do cultivo: "Vai voltar com força total". E a opinião vem acompanhada de fundamentos. Primeiro, devido à grande redução de área plantada nos Estados Unidos, que passaram de 5 milhões de hectares em 2008 para apenas 3 milhões neste ano. De acordo com Beltrão, a substituição por milho – para produção de etanol – só não tem sido questionada em função da crise, que impõe preocupações mais urgentes. Em segundo lugar, pela competição

as fibras sintéticas, relação questionada desde a alta da commodity, no ano passado. "O petróleo, que esteve cotado a US\$ 147 o barril, chegou a US\$ 40, tornando as

fibras sintéticas mais competitivas. Mas a expectativa é que, quando o mundo sair da recessão em que se encontra, o preço do barril alcance US\$ 200, fazendo com que o algodão retorne com grande importância."

Se concretizada, a previsão aliviará a pressão sobre os produtores brasileiros, que têm sofrido com margens achatadas pelos custos, cada vez mais

## Exportações

**Produto brasileiro precisa manter espaço tirado de Austrália, EUA e Paquistão**

**Para minimizar perdas, agricultores focaram volume de produção em detrimento da qualidade, prejudicando a indústria têxtil**



## SUBSÍDIOS AMERICANOS E OMC

Internacionalmente, o algodão brasileiro obteve grande vitória com a derrota dos Estados Unidos na Organização Mundial de Comércio (OMC), que em 2008 condenou os subsídios dados aos produtores norte-americanos. O Brasil aguarda autorização do órgão – que deve sair este

mês – para utilizar a retaliação cruzada: em vez de ser aplicada sobre bens de produção (opção mais comum, mas que prejudicaria a cadeia produtiva nacional), afetaria leis de propriedade intelectual e serviços. Ainda assim, há certa descrença quanto à real tomada de atitude por

parte do governo brasileiro. "Trata-se de uma questão política. A retaliação é um instrumento de pressão, e o Brasil precisa usar seus direitos, como fazem os Estados Unidos", avalia Haroldo Rodrigues da Cunha, presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa).

altos. "Hoje, a rentabilidade do produtor depende de intervenção do governo, por meio de recursos para comercialização, o que não é favorável para nenhuma indústria", explica Alves, do Cepea.

Além dos fertilizantes – temática em que a cadeia produtiva reivindica investimentos públicos para exploração de novas jazidas –, pesam a carga tributária e a falta de infra-estrutura e logística adequadas. "As rodovias estão em péssimo estado e não há como escoar a produção por via aquaviária ou férrea. Tudo isso gera custos", critica Cunha, presidente da Abrapa. "Em alguns casos, gasta-se mais para levar o produto da fazenda até o porto do que do porto até a China."

**Respaldo tecnológico** – Até que seja encontrado um modelo sustentável de produção, a orientação da entidade

a seus associados tem sido apoiar-se no tripé composto por produtividade, rentabilidade e qualidade. E uma das expectativas para tornar a atividade mais rentável está no cultivo de algodão adensado, que está em fase de testes, com cerca de 12 mil hectares distribuídos nos principais estados produtores.

**Aposta no adensado**  
**Tecnologia poderá reduzir custos de produção, mas estudos ainda estão em andamento**

Os primeiros resultados devem ser conhecidos a partir do segundo semestre. "Fala-se em uma redução de custos entre 10% e 30%, mas ainda há poucos estudos.

O Cepea tem acompanhado o desenvolvimento do cultivo para gerar números mais consistentes e confiáveis", afirma o pesquisador da instituição. De Marco, da Câmara Setorial, conta que o ciclo deve cair de 180 a 210 dias para aproximadamente 140, o que diminuiria o número de aplicações de fertilizantes e defensivos. As desvantagens estariam no preço da semente – praticamente o dobro da usada no plantio convencional – e na queda de qualidade, com maiores índices de impurezas entre as fibras. "Mas, se conseguirmos baixar os custos para US\$ 1.400 por hectare, o algodão já se tornará bastante competitivo", diz o dirigente, que está esperançoso.

Diante do alvoroço da comunidade cotonicultora, Beltrão, da Embrapa, lembra que a cultivar não é novidade. "Já trabalho com algodão adensado há 20 anos e ainda há muito a ser estudado em termos de ajuste de ciclo e interação de pragas e doenças. Divulgam apenas as vantagens", adverte. "Tem gente querendo ter algodão nas duas safras. Mas usar o adensado na safrinha pode ser suicídio,



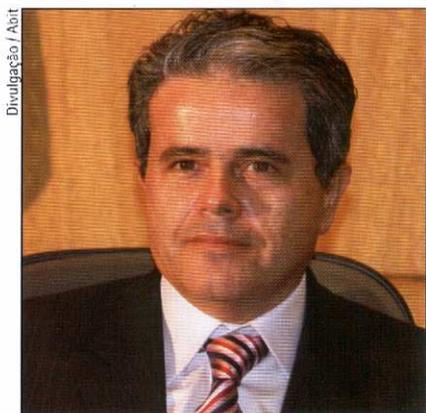
Divulgação / Abrapa

**Para De Marco, da Câmara Setorial do Algodão, deve manter produção para evitar importação**

pois o período de chuvas seria curto e não haveria rotação de culturas para debelar doenças e fungos que ficam no solo."

A unidade de pesquisas também atua com o algodão colorido – nas cores bege, marrom-escuro e verde. "Na Paraíba, há cerca de 2 mil hectares com algodão colorido, consumido quase totalmente pelas indústrias do Estado", explica Luiz Paulo de Carvalho, pesquisador na área de melhoramento de plantas. Duas outras possibilidades estão em avaliação: o algodão orgânico e o agroecológico. Segundo Beltrão, este último tem nicho certo de mercado e preço 40% superior ao convencional.

Para a indústria, o importante é que o setor atente para a questão da qualidade. "O produtor, para minimizar perdas, passou a buscar ganhos pela produtividade. Conseqüentemente, a qualidade da fibra nacional sofreu muito nos últimos dois anos", aponta Bezerra Filho, da Abit. Quanto aos preços, o dirigente é enfático: "Não é interessante para a indústria ter algodão barato. Ganhamos quando ele está valorizado".



Divulgação / Abit

**Bezerra Filho, da Abit:**  
**"Indústria têxtil ganha quando algodão está valorizado"**